

## POR UM OLHAR *QUEER* SOBRE O PROCESSO EDUCATIVO

Por Igor Henrique Lopes de Queiroz

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História – PPGH,  
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Bolsista CNPq.

igorhlqueiroz@gmail.com

Que o reconhecimento do estranho transforme as experiências de exclusão em uma nova forma de ensinar, baseada não na tolerância a partir da criação de escaninhos identitários, mas no reconhecimento sem assimilações dos depreciados, vigiados e excluídos como parte constitutiva de todos nós. Esse parece ser o mote inspirador para a escrita de *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*, de Richard Miskolci. Sociólogo, professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos e autor de vários artigos problematizando sexualidade, gênero e Teoria *Queer*, além de outros que se utilizam da Literatura para discutir a patologização da anormalidade e do desvio, as relações entre desejos e convenções culturais e a emergência de novos sujeitos históricos e de locais de dissidência, Miskolci apresenta em livro uma versão ampliada de suas falas para a Aula Magna do curso de Educação para Diversidade e Cidadania, proferidas na Universidade Federal de Ouro Preto no ano de 2010. Porém, afinal, o que um “apenas sociólogo”, como o autor se define no livro, teria a contribuir para a arte de educar? Essa pergunta é respondida de forma clara, didática e a partir de uma proposta subversiva ao longo de suas páginas, que incitam essa arte a se transformar em veículo de mudança social.

A partir de um retorno histórico aos dias da Ditadura Militar brasileira e às possíveis relações entre o sistema autoritário e as práticas educativas do período, a “Introdução” nos mostra as violências que construíram sua história pessoal, marcada pela disciplinarização dos corpos, treinados para se transformarem em homens de verdade e mulheres dominadas. A escola, enquanto local de produção de sujeitos ideais para atender a demandas biopolíticas, pode ser também o espaço onde tais violências impostas e constitutivas serão problematizadas, reavaliadas a partir de demandas da

sociedade civil, e não mais do Estado, em sintonia com a pergunta: educar para quê? Essa resposta será buscada a partir de um olhar *queer*.

A genealogia da política e da Teoria *Queer* é apresentada no primeiro capítulo, “Origens históricas da Teoria *Queer*”. Ligado às demandas dos movimentos feministas de segunda onda, homossexual e de direitos civis dos anos 1960, que trouxeram ao cenário político novas perspectivas que afirmavam ir além das desigualdades bem além das econômicas e apontavam o corpo, o desejo, a sexualidade e as práticas e saberes racializadores enquanto alvos e veículos de relações de poder, no que ficou conhecido como o pessoal é político, Miskolci discorre sobre as incipientes teorias elaboradas ainda durante os anos 1970 e sua posterior e crescente influência ao longo das décadas, em especial a partir dos anos 1990, e sobre como a AIDS se transformou em um catalisador biopolítico que fez emergir formas mais radicais de reação e resistência, resignificando o *queer* (um xingamento, uma injúria) como resposta aos valores, às convenções culturais e às forças autoritárias e preconceituosas criadoras da abjeção, afastando-se do movimento gay e lésbico anterior, que buscava a assimilação por mimetismo de tais normas, valores e convenções, para conquistarem o *status* de respeitáveis. Rompendo com a gramática do orgulho, necessariamente oposto à vergonha, o *queer* propõe tornar visíveis as injustiças e violências dos regimes de normalização, disciplinares e de controle, mediante olhares sobre a diferença, não mais da perspectiva de uma diversidade conformista, mas de uma nova política de gênero constituída a partir das demandas dos próprios sujeitos.

Para o autor, a primeira experiência com relação à sexualidade se daria por meio da injúria, seja por ser quem é maltratado, seja por ver alguém ser classificado e vivenciar tal situação de vergonha. A escola e o processo educativo heterossexistas, então, seriam partícipes da perseguição empreendida pelo que se chama de regime de terrorismo cultural, que nos faria aprender que comportamentos seriam seguros ou não, sendo a homofobia a forma mais visível de violências e recusa ao desacordo com os padrões impostos a todos nós.

No capítulo seguinte, “Estranhando a Educação”, Miskolci discorre brevemente acerca da disseminação da Teoria *Queer* no Brasil a partir das áreas da Educação, Comunicação, Linguística e Psicologia e se faz a pergunta: como incorporar a teoria dentro do processo educativo? Como resposta, aponta que seria a partir de diálogo crítico e não assimilacionista entre aquelas e aqueles em geral desqualificados dentro da escola e da sociedade, os estranhos, anormais, abjetos, impuros que causam horror, repúdio, nojo. O

pânico sexual causado pela AIDS teria reforçado a noção de homossexualidade enquanto abjeção, mas o autor ressalta que tal rejeição se dá, sobretudo, sobre os que rompem os padrões normativos, os gays e lésbicas indiscretos que não adotam estilos de vida e comportamentos heterossexuais como modelo.

Diferenciando heterossexismo, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade, Miskolci mostra como a educação e a produção de conhecimentos ainda são realizadas a partir de uma perspectiva heteronormativa. Um olhar *queer*, insubordinado e comprometido com os subalternizados, romperia com a retórica da diversidade, também conhecida por multiculturalismo, e seu ideal de sociedade que convive harmonicamente com as diferenças a partir da tolerância, ficando “cada um no seu quadrado”, para pensar o reconhecimento do Outro e sua normalização por meio da injúria e da humilhação como forma de modificação das relações de poder, das hierarquias que constituem a ordem hegemônica. Em vez de educar para homogeneizar ou alocar em uma gaveta identitária, sua proposta é que aprendamos a nos transformar também. Como isso se daria?

Miskolci busca respostas para essa pergunta no capítulo final do livro, “Um aprendizado pelas diferenças”, no qual apresenta a educação a partir de uma perspectiva não normalizadora, atividade dialógica em que as experiências invisibilizadas, violentadas, passam a ser incorporadas de forma a modificar tanto educandos quanto educadores, buscando estabelecer simetrias para um aprendizado relacional e transformador de ambos. A proposta seria não impor modelos de ser, compreender ou classificar; identificar e desconstruir os pressupostos de neutralidade do processo educativo, do ambiente escolar; problematizar os materiais utilizados para o ensino e suas mensagens culturais homogeneizantes e silenciadoras e as noções de harmonia social e ordem que levariam ao progresso, ligados aos ideais civilizatórios de elites políticas, intelectuais e econômicas; retirar o caráter universal, neutro e invisível da heterossexualidade para compreender o criativo trânsito dos sujeitos entre os polos masculino-feminino, hétero-homo-bi; superar a biologização e a patologização da sexualidade, encarando-a como algo cultural; pensar os eixos de diferenciação social de forma interseccional, em que raça, gênero e sexualidade marcam as diferenças; questionar o mito da família burguesa, percebendo-a como instituição para a consolidação da ordem social. As propostas são amplas, mas partem todas da demanda para que educadoras e educadores se inspirem nas expressões de dissidência para o próprio educar, para que a escola e o processo educativo deixem de ser um dos braços de normalização biopolítica e passem a veículo social de desconstrução de uma ordem histórica de desigualdades e injustiças.

O livro conta, ao final, com um pequeno, mas intenso ensaio do sociólogo peruano Giancarlo Cornejo, publicado em 2010 na revista *Íconos*, em um número dedicado à Teoria *Queer* na América Latina, e traduzido para o português por Larissa Pelúcio. Intitulado *A guerra declarada contra o menino afeminado*, Cornejo discorre sobre como a afeminofobia transforma esses meninos no impensável e abjeto dentro do próprio movimento gay, um segredo em sua voz e pensamento, visto que nem teoricamente as feminilidades masculinas foram problematizadas.

Tratando de suas experiências escolares, Cornejo mostra como professoras, professores e psicólogas buscaram forçá-lo a ocupar um espaço e um nome para ele inabitáveis, ou seja, a tornar-se homem, no que chama de guerra declarada contra uma criança, e como os malsucedidos tratamentos e exigências para que se identificasse com o masculino acabaram recaindo não apenas na patologização de seu corpo, seu afeminamento e sua performance de gênero, mas também de toda sua família, mediante a culpabilização de um pai ausente e uma mãe considerada superprotetora e masculinizada, por prover economicamente a casa.

Um relato pessoal, intenso, para levar a reflexões sobre as violências e injustiças que constituem todas e todos nós, mas principalmente sobre as possibilidades de mudarmos em busca não somente do que gostaríamos de ser, mas também da sociedade em que poderíamos viver. O convite está posto. Teremos coragem suficiente para aceitá-lo?

## Referência

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica/UFOP, 2012.

